

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 08/06/2015

- *Escola da Brasilândia, bairro da Zona Norte de São Paulo, ensina tolerância e cidadania aos alunos*
- *Operação da Polícia Militar busca promover policiamento preventivo nas escolas*
- *Família faz campanha para custear tratamento da filha de três anos*
- *Criança é assassinada por irmão do padrasto em Glória do Goitá*
- *China utiliza drones para dissuadir estudantes de colar em prova*
- *Os caminhos do incesto - uma perversão silenciosa*
- *Tratamento psicológico deve envolver toda a família da vítima de abuso*

Assunto: Escola da Brasilândia, bairro da Zona Norte de São Paulo, ensina tolerância e cidadania aos alunos

Fonte: Promenino

Data: 08/06/2015

Promenino



A Escola Municipal Senador Milton Campos, localizada no distrito de Brasilândia (tido como um dos bairros mais violentos da Zona Norte de São Paulo), tornou-se referência em estudos sobre direitos humanos graças ao Programa “Respeitar é Preciso”. A iniciativa é desenvolvida desde 2014 pelo Instituto Vladimir Herzog em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos

Humanos e Cidadania e a Secretaria Municipal de Educação.

Nesta primeira fase, foram contempladas 20 escolas públicas da capital paulistana. O projeto é voltado para o Ensino Infantil e Fundamental e conta com um material didático, disponível também online, a fim de orientar as crianças quanto aos direitos dos colegas, dos professores, da comunidade e delas próprias. Os títulos são: “Democracia na Escola”, “Igualdade e discriminação”, “Respeito e Humilhação” e “Sujeito de Direitos”.

De acordo com a professora Thais, da Escola Senador Milton Campos, as sugestões de estudos foram além, servindo de estímulo para a produção de alunos e educadores. “Passamos vídeos, trabalhamos a poesia, fizemos várias exposições e escolhemos uma oficina que também agregasse a esse trabalho. Dentro de várias propostas, foi escolhido o grafite por ser

uma linguagem periférica da cultura do hip-hop que muitos alunos gostam e se sentem contemplados com a sua arte”, conta.

Assunto: Operação da Polícia Militar busca promover policiamento preventivo nas escolas

Fonte: Jornal do Comércio

Data: 08/06/2015

jornal do  commercio

Iniciativa visa aproximar a polícia das escolas, incentivando confiança e repasse de informações.



Escolas das redes municipais, estadual e particulares serão contempladas

A Polícia Militar lançou nesta segunda-feira (8) a Operação Escola Segura, com o objetivo de aproximar a polícia da comunidade escolar. A ação é preventiva e comunitária visando a redução da violência no interior e arredores das unidades de ensino. A iniciativa será realizada pelas Patrulhas dos Bairros (PB) e Patrulhas Rurais (PR).

Favorecendo escolas de todo o Estado, a operação visa estimular a confiança, repasse de informações e solução de problemas em parceria com a comunidade. De acordo com a polícia, as equipes da corporação farão visitas de pelo menos 15 minutos nas unidades de ensino durante os horários de entrada e saída dos estudantes. "Uma maior proximidade entre a polícia e as escolas é um anseio antigo da população, que agora estamos atendendo", explicou o coronel Pereira Neto.

As escolas das redes municipais e estadual são a principal preocupação da corporação, mas, segundo a polícia, unidades particulares também serão contempladas. Ainda segundo a corporação, nas localidades em que não houver Patrulhas dos Bairros e Patrulhas Rurais, existe a possibilidade de viaturas serem mobilizadas de forma ordinária.

Assunto: Família faz campanha para custear tratamento da filha de três anos

Fonte: Jornal do Comércio

Data: 08/06/2015

jornal do  commercio

Pais de Clarinha buscam apoio para tratamento na Tailândia. Garota tem comprometimento neurológico severo.



Anna e Luciano apostam nas células-tronco para melhora do quadro neurológico de Clara

Quem vê o sorriso no rosto e o brilho nos olhos da pequena Maria Clara, de apenas três anos, não acredita que a garotinha trava uma verdadeira batalha todos os dias. Desde os seis meses de idade, Clarinha, como é carinhosamente chamada, convive com um comprometimento neurológico severo. Ela não senta, não anda e não fala. Nem o próprio pescoço é capaz de sustentar. A pequena já passou por vários especialistas em busca de um diagnóstico, mas até agora não obteve um resultado concreto. Recentemente, a família da garota recebeu uma notícia que pode mudar essa história. Clarinha foi aceita por um instituto especializado em tratamento à base de células-tronco, na Tailândia, como paciente com potencial de ganhos. O tratamento custa caro e a família deu início a uma campanha nas redes sociais para poder bancar a terapia e garantir mais qualidade de vida para a pequena.

“Já realizamos vários exames, dois deles considerados os mais avançados na área neurológica, e mesmo assim os resultados foram inclusivos. Vimos os benefícios proporcionados por esse tratamento em outras crianças que enfrentavam situação parecida e ficamos animados”, explica a mãe da menina, a bancária Anna Catharina Correia.

O tratamento tem duração de 35 dias e custa cerca de R\$ 100 mil. Consiste na aplicação de pelo menos oito bolsas de células-tronco adultas. A expectativa de Anna Catharina e Luciano Wanderlei, pai da menina, é de que a terapia auxilie no desenvolvimento motor e neurológico de Maria Clara. Para ajudar na evolução do quadro, a garota realiza, diariamente, sessões de fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia. Como enfrenta problemas com

broncoaspiração (aspiração de conteúdo gástrico) e disfagia, que a impede de engolir com segurança, Clarinha só se alimenta através de sonda. Consume apenas um suplemento alimentar específico. E sofre com crises convulsivas.

“Mesmo com todas as dificuldades, com ela não tem tempo ruim. Chora em alguns momentos, como qualquer criança, mas em 90% do tempo ela está com um sorriso no rosto. É a forma que ela se expressa. É um anjo em nossas vidas”, afirma Luciano Wanderlei.

A história da garota mobilizou amigos e comoveu centenas de pessoas. No Facebook a fanpage Meu Anjo Maria já contabiliza mais de 2 mil curtidas. Também estão sendo vendidas camisetas em homenagem a Maria Clara. As blusas custam R\$ 25 e podem ser adquiridas pelos números (81) 99812-5355/3244-1450.

Quem quiser ajudar pode doar suplemento alimentar Pediasure e fraldas tamanho GG. Doações financeiras podem ser feitas na conta poupança 3090-2 variação 51 agência 5986-2 do Banco do Brasil ou pelo site <https://maquinadobem.com/clarinha>. Mais informações sobre a campanha estão disponíveis na página do Facebook Meu Anjo Maria.

“Estamos contando com a ajuda das pessoas. Se cada um ajudar um pouquinho, tenho certeza de que vamos conseguir”, afirma Anna Catharina.

Assunto: Criança é assassinada por irmão do padrasto em Glória do Goitá

Fonte: Jornal do Comércio

Data: 08/06/2015



Suspeito foi autuado em flagrante por homicídio qualificado e ocultação de cadáver.

Uma criança de 8 anos foi assassinada a facadas no município de Glória do Goitá, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, na madrugada desse domingo (7). De acordo com a Polícia Civil, o suspeito do crime é Adriano Batista dos Anjos, de 20 anos, irmão do padrasto do menino Gabriel Paulino dos Anjos. Adriano Batista foi preso em flagrante.

Após uma briga, o suspeito teria ido à residência da família, no distrito de Apoti, zona rural do município, com o intuito de assassinar o padrasto do menino. No entanto, o homem não estava e Adriano dos Anjos esfaqueou Gabriel. Com ferimentos no rosto, pescoço e barriga, o corpo da criança foi escondido pelo suspeito na cisterna da residência.

O suspeito, que é ex-presidiário, foi autuado por homicídio qualificado e ocultação de cadáver e encaminhado à Delegacia de Vitória de Santo Antão. Em depoimento, Adriano dos Anjos afirmou que foi ameaçado e por isso decidiu se vingar do parente matando a criança. Ele foi levado para o presídio da cidade, onde ficará à disposição da Justiça. O corpo do menino será sepultado nesta segunda-feira (8), às 9h, no cemitério da cidade.

Assunto: China utiliza drones para dissuadir estudantes de colar em prova

Fonte: Jornal do Comércio

Data: 08/06/2015

jornal do commercio

Ministério chinês da Educação prometeu concentrar seus esforços em combater os aparelhos de comunicação sem fio e as redes criminosas que oferecem pessoas para substituir os candidatos reais.



Exame para entrar em universidades deprestígio tem feroz concorrência

Uma província chinesa decidiu utilizar drones para dissuadir os estudantes de colar na temida prova de acesso à universidade, que é feita nesta segunda-feira por mais de nove milhões de jovens chineses.

O "gaokao", que dura dois dias e foi classificado de "maior exame do mundo", provoca todos os anos uma grande comoção na sociedade chinesa pela dificuldade

e feroz concorrência que existe nesta prova. Um total de 9,42 milhões de candidatos passarão pelo teste, em meio ao estresse e à enorme pressão dos pais, e cercados por milhares de policiais e vigias.

O ministério chinês da Educação prometeu concentrar seus esforços em combater os aparelhos de comunicação sem fio e as redes criminosas que oferecem pessoas para substituir os candidatos reais. Dois centros de teste da cidade de Luoyang colocaram em funcionamento um drone capaz de detectar comunicações entre candidatos que tenham conseguido introduzir aparelhos de transmissão em miniatura na sala de exame.

Conhecido por seu jornalismo investigativo, o jornal Nanfang Dushibao de Cantão gerou controvérsia ao enviar um de seus repórteres ao gaokao em Nanchang (leste) com uma identidade falsa. O jornalista quis colocar em evidência este tipo de ação nos exames, comum pelo fato de muitos pais estarem dispostos a pagar milhares de euros para garantir que seus filhos passem no teste, segundo o jornal.

Embora algumas pessoas tenham elogiado a iniciativa, outras criticaram o método utilizado pelo repórter. As pessoas que obtiverem os melhores resultados poderão ingressar em universidades de prestígio, como a de Tsinghua e a de Pequim, na capital, ou ainda nas de Fudan e Jiaotong de Xangai.

Assunto: Os caminhos do incesto - uma perversão silenciosa

Fonte: Childhood

Data: 08/06/2015



Desenho contido no livro “A violência silenciosa do incesto”, de Graça Pizá

O desenho retrata uma figura metade menina, metade mulher. A autora-mirim, como milhares de outras crianças brasileiras, foi vítima de abuso incestuoso. Expressa, por meio da imagem ambígua, o conflito entre a sexualidade infantil e a adulta, que lhe foi imposta precocemente e que ela pouco compreende.

Outra ilustração –uma criança e um adulto no topo de uma montanha – revela um sonho recorrente entre as vítimas da violência sexual intrafamiliar: “Esse é o lugar onde eu mais sentia medo de ir com meu pai, na montanha. Lá não tem ninguém, e lá embaixo está o mar”. A montanha aparece, então, como representação do medo de reagir e da imensa solidão daquela criança.

Esses e outros tantos desenhos e relatos foram colhidos pela psicanalista Graça Pizá e sua equipe ao longo de 15 anos de existência da Clínica Psicanalítica da Violência, no Rio de Janeiro. “Criamos o primeiro centro de estudos e pesquisas sobre o incesto, que é referência no Brasil. E conseguimos detectar e mapear com precisão o universo afetivo da criança que está exposta a esse tipo de violência sexual”, afirma Graça.

A psicanalista tomou contato com a questão do incesto quando trabalhava com meninas e meninos infratores na Funabem, na década de 1980. “Crianças muito pequenas apareciam com doenças sexualmente transmissíveis, gonorreia, Aids, mordidas ou hematomas, e na época esses indícios não eram investigados. Dentro da própria instituição hospitalar, os casos de abuso

sexual eram tidos como tabu”, conta. A maioria daquelas crianças vivia nas ruas depois de ter fugido de casa e do horror do abuso incestuoso. Muitas delas eram exploradas sexualmente e passavam a usar drogas ou a cometer crimes. “Constatei que essas crianças apresentavam sintomas psicológicos e uma gama de sentimentos, emoções e afetos muito intensos e

confusos”, diz Graça, que também estudou o tema em sua dissertação de mestrado, *O Círculo do Horror: a reclusão hospitalar na infância*. “Como não se sabia para onde encaminhar esses casos – muitos saíam do hospital e voltavam para o convívio com o abusador –, decidi criar a clínica.”

Isso aconteceu em 1996. Desde então, Graça já atendeu em torno de 5 mil casos. Segundo ela, o incesto é uma violência invisível cuja ocorrência a sociedade resiste em admitir. De acordo com vários estudos, cerca de 70% dos abusos incestuosos são cometidos pelos próprios pais.

Dentro das fronteiras familiares, o segredo escondido: o desejo sexual do adulto por aquele que ele mesmo gerou. “O limiar que separa um beijo, um carinho, o dormir nu ao lado da criança e o dar-lhe banho do abuso sexual é muito tênue. Essa extrema proximidade gera medo, um pavor muito grande na sociedade, que não suporta reconhecer essa violência”, afirma.

Por conta de sua experiência clínica e de todas as pesquisas realizadas, Graça cunhou o conceito de “criança-fetichê” – transformada em objeto do prazer alheio. O pai não ocupa o lugar simbólico de pai, a mãe não assume sua maternidade. E a criança não se reconhece como criança, já que não é ouvida, seus desejos não são respeitados e ela parece não existir para os adultos. Embora mantidos em segredo, esses “afetos emparedados” – no dizer de Graça – não são fantasia nem invenção das vítimas e sim uma realidade, ainda presente em muitas famílias, a ser enfrentada e revertida.



Desenho contido no livro “A violência silenciosa do incesto”, de Graça Pizá

Assunto: Tratamento psicológico deve envolver toda a família da vítima de abuso

Fonte: Childhood

Data: 08/06/2015



Rosemary Peres Miyahara

Para que não haja a reincidência de abusos sexuais contra crianças e adolescentes é preciso tratar a família da vítima e até o agressor. Em famílias disfuncionais, o incesto pode levar até à violência fatal. Segundo a psicóloga e psicodramatista Rosemary Peres Miyahara, coordenadora da área de formação do Centro de Referência às Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae (CNRVV) em São Paulo, é preciso compreender a dinâmica que gera o abuso. A co-autora dos livros *O Fim do Silêncio na Violência Familiar* (Ed. Agora) e *O Fim da Omissão – A implantação de Pólos de Prevenção à*

Violência Doméstica (Fundação Abrinq) explica a importâncias das diferentes terapias aplicadas hoje em vítimas, familiares e agressores:

Quais as técnicas que têm sido usadas para tratamento das vítimas?

Num primeiro momento o foco atual é tentar ver como a criança viveu a experiência de violência e ter o cuidado para não estigmatizar a vítima. Não é incomum ela ter danos psicológicos bem sérios. Ela necessita de espaços mais reservados para falar. É preciso trabalhar um contexto mais amplo com toda a família, porque há casos em que todos abusavam da pessoa. No CNRVV, trabalhamos com grupos de crianças, de adolescentes e também o de responsáveis (a mãe ou avó). Os profissionais se juntam para reunir os dados e o que aparece nos desenhos nas histórias e dramatizações. A terapia começa a partir de uma avaliação de como a criança viveu aquela história e pode ser em grupo ou individual. Aqui se procura respeitar a especialização dos terapeutas, que atuam com psicanálise, terapia sistêmica ou psicodramaturgia.

Como se sentem as mães que precisam levar os seus filhos abusados ao tratamento?

Elas geralmente se perguntam se tiveram alguma culpa por não terem visto que os filhos estavam sendo abusados.

Vocês atendem agressores também no CNRVV e como são os tratamentos?

Atendemos, mas nosso foco é a infância e a juventude. Normalmente são indicados para outros serviços, quando a criança está sendo atendida aqui, porque a maior parte dos casos é permeada de ameaças. O tratamento de agressores ainda é um tema recente no Brasil e no mundo e geralmente é realizada a castração química ou prisão. Alguns serviços têm trabalhado com a terapia comportamental cognitiva, conscientizando o agressor do dano que causaram ao outro para, a partir daí, haver uma reformulação de comportamento. Hoje, pesquisas feitas com sentenciados mostram que eles não admitem que cometeram o abuso, todos negam.

Vocês já detectaram casos em que a mãe para se vingar do ex-marido faz a criança contar e acreditar na história de que foi abusada?

Estes casos são raríssimos, mas existem e são chamados de síndrome de alienação parental, mas conseguimos detectar com técnicas, como, por exemplo, verificando os titubeios e as contradições da história.

Há muitas notícias sobre pedofilia na imprensa. Esse comportamento está crescendo?

Precisamos prestar atenção em como a cultura está sendo difundida e não simplesmente falar que o número de pedófilos está crescendo. Nem todo abusador é pedófilo. O pedófilo tem um transtorno psiquiátrico que precisa de tratamento. O abusador sexual responde a algo que é muito difundido na nossa cultura: o desejo pelo corpo jovem e infantil. A erotização aparece, por exemplo, quando se faz um sutiã de bojo para meninas de 7 a 9 anos idade, para elas logo cedo imitem as mães. Hoje, não se tem a diferenciação mais de roupas dos 8 até os 48 anos. Nossa cultura vai propagando isso e assim ficam diluídos os ritos de passagem e não se conseguem diferenciar as fases. O abusador é igual ao dependente de uma droga química se ele tem meios propícios para atuar, ele tem a chance de cometer o abuso.